

## **QUESTÃO II — EM QUE COISAS CONSISTE A BEATITUDE DO HOMEM.**

Em seguida devemos tratar da beatitude. Primeiro, no que consiste. Segundo, o que é. Terceiro, como podemos alcançá-la.

Sobre o primeiro ponto, oito artigos se discutem:

- 1.º Se a beatitude consiste nas riquezas;
- 2.º Se nas honras;
- 3.º Se na fama ou na glória;
- 4.º Se no poder;
- 5.º Se em algum bem do corpo;
- 6.º Se no prazer;
- 7.º se em algum bem da alma;
- 8.º Se em algum bem criado.

### **ART. I — SE A BEATITUDE DO HOMEM CONSISTE NAS RIQUEZAS.**

*(III Cont. Gent., cap. XXX; I Ethic., lect. V).*

O primeiro discute-se assim. — Parece que a beatitude do homem consiste nas riquezas.

1. — Pois, sendo a beatitude o fim último do homem, há de consistir no que soberanamente lhe atrai o desejo. — Ora, tais são as riquezas, como diz a Escritura (Ecle 10, 19): *Todas as coisas obedecem ao dinheiro*. Logo, nelas consiste a beatitude do homem.

2. Demais. — Segundo Boécio<sup>1</sup>, a *beatitude é o estado perfeito, pela reunião de todos os bens*. Ora, com o dinheiro pode-se obter tudo,

---

<sup>1</sup> De Consol., lib. III.

pois a moeda foi inventada, no dizer do Filósofo<sup>2</sup>, para ser como a fiança com a qual o homem consiga tudo quanto quiser. Logo, a beatitude consiste nas riquezas.

3. Demais. — O desejo do sumo bem nunca sendo vão, há de ser infinito. Ora, isto soberanamente se dá como o dinheiro, pois, como diz a Escritura (Ecle 5, 9), *o avarento jamais se fartará de dinheiro*. Logo, nas riquezas consiste a beatitude.

Mas, *em contrário*. — O bem do homem consiste, antes em conservar do que em dissipar a beatitude. Ora, como diz Boécio<sup>3</sup>, *as riquezas mais brilham gastas do que acumuladas: pois, a avareza sempre faz os odiosos e a liberalidade, os gloriosos*. Logo, nas riquezas não consiste a beatitude.

SOLUÇÃO. — É impossível a beatitude do homem consistir nas riquezas. Ora, há duas espécies delas, como diz o Filósofo<sup>4</sup>: as naturais e as artificiais. Aquelas são as que o homem busca para satisfazer suas necessidades naturais, como a comida e a bebida, os vestuários, os transportes, a habitação e outras semelhantes. Estas são as que não provêm da natureza, em si mesmas, como o dinheiro, mas que a arte humana inventou para facilitar as trocas e são como a medida das coisas venais.

Ora, claro é que a beatitude do homem não pode consistir nas riquezas naturais. Pois, buscando-as ele para outro fim, a saber, o sustento da sua vida, não lhe podem constituir o fim último, antes, para ele se ordenam como fim delas. Por onde, na ordem da natureza, todas essas coisas são inferiores ao homem e para ele feitas, conforme a Escritura (Sl 8, 7): *Todas as coisas sujeitaste debaixo de seus pés*.

---

<sup>2</sup> Ethic., lib. V

<sup>3</sup> De Consol., lib. II.

<sup>4</sup> Polit., I.

Quanto às riquezas artificiais, elas não são buscadas senão por causa das naturais; pois, não o seriam se com elas não se comprassem as coisas necessárias ao uso da vida. Logo, com maior razão, não podem desempenhar o papel de fim último.

Por onde, é impossível consistir nas riquezas a beatitude, último fim do homem.

DONDE A RESPOSTA A PRIMEIRA OBJEÇÃO. — Todas as coisas corpóreas obedecem ao dinheiro, para o sem número de estultos que só conhecem os bens materiais, susceptíveis de serem adquiridos com o dinheiro. Ora, o juízo sobre os bens humanos não o devemos procurar entre os estultos, mas entre os sábios; assim como o juízo sobre o sabor devemos aprendê-lo como os que têm o gosto são.

RESPOSTA À SEGUNDA. — Com dinheiro podem-se adquirir todos os bens venais, não porém os espirituais, não susceptíveis de venda. Por isso, diz a Escritura (Pr 17, 16): *De que serve ao insensato o ter grandes riquezas, se ele não pode comprar com elas a sabedoria?*

RESPOSTA À TERCEIRA. — O desejo das riquezas naturais não é infinito, porque bastam à natureza numa certa medida. Mas o é o das artificiais porque serve à concupiscência desordenada, que se não altera, como se vê claramente no Filósofo<sup>5</sup>. Porém, o desejo infinito das riquezas e o desejo do sumo bem diferem. Pois, quanto mais perfeitamente possuído o sumo bem, tanto mais é amado e tanto mais se desprezam as outras coisas, porque, quanto mais possuído, mais conhecido; donde o dito da Escritura (Ecl 24, 29): *Aqueles que me comem terão ainda fome*. E o contrário acontece com o desejo das riquezas e de quaisquer bens temporais, que quando já possuídos, são desprezados, sendo outros os desejados, como se

---

<sup>5</sup> Polit., I.

exprime a Escritura (Jo 4, 13), quando o Senhor diz: *Todo aquele que bebe desta água — como o que se designam os bens temporais — tornará a ter sede*. E isso por ser a insuficiência deles mais conhecida quando possuídos. Por onde, isso mesmo põe-lhes a nu a imperfeição e o não poder consistir neles o sumo bem.

**ART. II — SE A BEATITUDE DO HOMEM CONSISTE NA HONRA.**

*(III Cont. Gent., cap. XXVIII; I Ethic., lect V).*

O segundo discute-se assim. — Parece que a beatitude do homem consiste na honra.

1. — Pois, como diz o Filósofo<sup>6</sup>, a beatitude ou felicidade é o prêmio da virtude. Ora, tal prêmio o é por excelência a honra no dizer do mesmo Filósofo<sup>7</sup>. Logo, nela consiste, por excelência a beatitude.

2. Demais. — O que principalmente convém a Deus e aos mais excelentes é a beatitude, bem perfeito. Ora, tal é a honra, como diz o Filósofo e também a Escritura (1 Tm 1, 17): *A Deus só seja honra e glória*. Logo, a beatitude consiste na honra.

3. Demais. — O maximamente desejado pelos homens é a beatitude. Ora, nada é mais desejável por eles do que a honra; pois, suportam dano em tudo o mais, contanto que não padeçam nenhum detrimento na honra própria. Logo, a beatitude consiste na honra.

Mas, *em contrário*. — A beatitude está em quem é feliz. Ora, a honra não está em quem é honrado, mas antes, em quem honra, que

---

<sup>6</sup> Ethic., I.

<sup>7</sup> Ethic. IV.

presta reverência ao honrado, como diz o Filósofo<sup>8</sup>. Logo, a beatitude não consiste na honra.

SOLUÇÃO. — É impossível a beatitude consistir na honra. Pois, tributamos honra a alguém por alguma excelência sua; e assim é o sinal e o testemunho dessa excelência em quem é honrado. Ora, a excelência do homem se funda sobretudo na beatitude, que é dele o bem perfeito; e nas suas partes, i. é, naqueles bens pelos quais algo se participa da beatitude. Por onde, a honra pode por certo resultar da beatitude, mas esta não pode consistir principalmente naquela.

DONDE A RESPOSTA A PRIMEIRA OBJEÇÃO. — Como diz o Filósofo no mesmo passo, a honra não é o prêmio da virtude, pelo qual mourejam os virtuosos; mas estes recebem daqueles como de quem nada maior tivesse que dar, como prêmio. Mas o verdadeiro prêmio da virtude é a beatitude mesma, pela qual mourejam os virtuosos. Se, pois, obrassem por causa da honra, já não haveria virtude, mas ambição.

RESPOSTA À SEGUNDA. — A honra é devida a Deus e aos mais excelentes, como sinal ou testemunho da excelência preexistente; mas não que, em si os torne excelentes.

RESPOSTA À TERCEIRA. — Do desejo natural da beatitude, resultante da honra, como se disse, provém que os homens soberanamente a desejam. Por onde, procuram sobretudo ser honrados pelos virtuosos, com cujo juízo se acreditam excelentes ou felizes.

### **ART. III — SE A FELICIDADE DO HOMEM CONSISTE NA GLÓRIA.**

*(III Cont. Gent., cap. XXIX).*

---

<sup>8</sup> Ethic., I.

O terceiro discute-se assim. — Parece que a beatitude do homem consiste na glória.

1. — Pois, a beatitude consiste no que é atribuído aos santos em recompensa das tribulações sofridas no mundo. Ora, tal é a glória, segundo diz a Escritura (Rm 8, 18): *As penalidades da presente vida não têm proporção alguma com a glória vindoura que se manifestará em nós*. Logo, a beatitude consiste na glória.

2. Demais. — Como se vê em Dionísio<sup>9</sup>, o bem é difundido de si. Ora, pela glória principalmente é que o bem do homem chega ao conhecimento dos outros, pois, como diz Ambrósio (Agostinho) ela não é senão um conhecimento glorioso acompanhado de louvor. Logo, a beatitude do homem consiste na glória.

3. Demais. — A beatitude é o mais estável dos bens. Ora, tal é a fama ou glória, pela qual os homens de certo modo conseguem a eternidade. Donde o dizer Boécio: *Mostrai-vos perpetuadores da vossa imortalidade quando buscais a fama nos tempos futuros*. Logo, a beatitude consiste na fama ou glória.

Mas, *em contrário*. — A beatitude é o verdadeiro bem do homem. Ora, a fama ou glória pode ser falsa; pois, como diz Boécio, *muitos conseguiram as falsas opiniões do vulgo, muitas vezes, um grande nome. E que de mais torpe se pode pensar? Pois, os que são apregoados falsamente não de eles próprios se envergonhar dos seus louvores*. Logo, a beatitude do homem não consiste na fama ou glória.

SOLUÇÃO. — É impossível a beatitude do homem consistir na fama ou glória humana. Pois, a glória não é senão um conhecimento glorioso acompanhado de louvor, como diz (Agostinho) Ambrósio. Ora, a

---

<sup>9</sup> De Div. Nom, cap. IV.

causa conhecida se refere, de um modo, ao conhecimento humano, e de outro, ao divino; pois aquele é causado pela coisa conhecida, e este é a causa desta. Por onde, a perfeição do bem humano, chamada beatitude, não pode ser causada pelo conhecimento humano; mas antes, este procede da beatitude de alguém e é, de certo modo, causado pela própria beatitude humana, incoada ou perfeita. E logo, na fama ou na glória não pode consistir a beatitude do homem; mas o bem deste depende, como da causa, do conhecimento de Deus. Portanto, da glória existente em Deus depende, como da causa, a beatitude do homem, conforme aquilo da Escritura (Sl 90, 16): *livrá-lo-ei e glorificá-lo-ei; saciá-lo-ei com diuturnidade de dias e mostrar-lhe-ei o meu salvador.*

Mas também devemos considerar, que o conhecimento humano muitas vezes falha, e sobretudo nos singulares contingentes, como os atos humanos. Por onde, freqüentemente a glória humana é falaz. Mas como Deus não pode enganar-se, a sua glória é sempre verdadeira, e por isso diz a Escritura (2 Cor 10, 18): *O que é estimável é aquele a quem Deus recomenda.*

DONDE A RESPOSTA À PRIMEIRA OBJEÇÃO. — O Apóstolo não se refere, no passo aduzido, à glória procedente dos homens, mas da que procede de Deus, em face dos seus anjos. Por isso diz o Evangelho: *O Filho do homem o confessará (na glória do seu Pai) ante os anjos de Deus.*

RESPOSTA À SEGUNDA. — O bem de um homem, que está no conhecimento de muitos, pela fama ou pela glória, se esse conhecimento for verdadeiro necessariamente há de derivar do bem nesse homem existente, e então pressupõe a beatitude perfeita ou incoada. Se porém for falso, não concorda como o objeto e então não existe o bem no que é celebrado pela fama. Por onde é claro que a fama de nenhum modo pode tornar o homem feliz.

RESPOSTA À TERCEIRA. — A fama não tem estabilidade; antes, o falso rumor facilmente se perde; e se por vezes perseverar estável, sê-lo-á por acidente. Ora, a beatitude tem por si e sempre a estabilidade.

**ART. IV — SE A BEATITUDE DO HOMEM, CONSISTE NO PODER.**

*(III Cont.Gent., cap. XXXI; Compend. Theol., part. II. cap. IX; De Regina. Princip., lib. I cap. VIII; In Matth., cap. V).*

O quarto discute-se assim. — Parece que a beatitude consiste no poder.

1. — Pois, todos os seres desejam assimilar-se a Deus, último fim e princípio primeiro. Ora, os homens que tem o poder, consideram-se, pela semelhança deste, semelhantes a Deus em máximo grau; por isso, são chamados deuses na Escritura (Ex 22, 28): *Não falarás mal dos deuses*. Logo, a beatitude consiste no poder.

2. Demais. — A beatitude é o bem perfeito. Ora, perfeitíssimo é que o homem também possa governar os outros, o que convém aos constituídos no poder. Logo, a beatitude consiste no poder.

3. Demais. — A beatitude sendo soberanamente desejável opõe-se ao que se deve sobretudo evitar. Ora, os homens evitam sobretudo a servidão, à qual se contrapõe o poder. Logo, a beatitude consiste no poder.

Mas, *em contrário*. — A beatitude é o bem perfeito. Ora, o poder é soberanamente imperfeito. Pois, como diz Boécio<sup>10</sup>, *o poder humano não pode excluir as apreensões dos cuidados nem evitar o aguilhão dos temores. E ainda: Julgas poderoso o que é rodeado de satélites e que mais teme aqueles que aterroriza?* Logo, a beatitude não consiste no poder.

---

<sup>10</sup> De Consol., III.

SOLUÇÃO. — É impossível a beatitude consistir no poder, por duas razões. — Primeiro, porque o poder exerce a função de princípio, como se vê claro em Aristóteles<sup>11</sup>; a beatitude, porém, de fim último. — Segundo, porque o poder tanto se refere ao bem como ao mal, ao passo que a beatitude é o bem perfeito e próprio do homem. Por onde, uma beatitude poderia consistir, mais, no bom uso do poder, que supõe a virtude, do que no próprio poder.

Por fim, quatro razões gerais podem ser aduzidas para mostrar que em nenhum dos sobreditos bem exteriores pode consistir a beatitude. E a primeira é que, sendo a beatitude o sumo bem do homem, não se compadece com nenhum mal; ora, todos os bens preenumerados podem-se encontrar tanto nos bons como nos maus.

A segunda razão é que, sendo da essência da beatitude bastar-se a si mesma, como se vê em Aristóteles<sup>12</sup>, necessário é que, uma vez alcançada não falte nenhum bem necessário ao homem. Ora, obtido cada um dos bens, referidos até aqui, podem ainda faltar muitos outros necessários ao homem, como a sabedoria, a saúde do corpo e outros.

A terceira é a seguinte. Sendo a beatitude o bem perfeito, dela não pode provir nenhum mal para ninguém. Ora, isso não se dá com os referidos bens; pois como diz a Escritura (Ecle 5, 12), as riquezas às vezes se conservam para mal de seu dono; e o mesmo se dá com as outras três espécies de bens.

A quarta razão é a seguinte. O homem ordenando-se à beatitude naturalmente, ordena-se por princípios interiores; ora, os quatro bens aludidos provêm, antes, de causas exteriores e, muitas vezes, da fortuna, donde vem o serem chamados bens da fortuna.

---

<sup>11</sup> Metaphys., V.

<sup>12</sup> Ethic., I.

Por onde é claro que de nenhum modo a beatitude neles consiste.

DONDE A RESPOSTA À PRIMEIRA OBJEÇÃO. — O poder divino é idêntico à sua bondade, e por isso não pode usar senão bem desta. Ora, tal não se dá com os homens. Por onde, não basta, para a beatitude, que o homem se assemelhe com Deus pelo poder, se também não se lhe assemelhar pela bondade.

RESPOSTA À SEGUNDA. — Assim como é ótimo alguém usar bem do poder, no governo do povo, assim é péssimo usar mal; de modo que o poder tanto pode ser usado para o bem como para o mal.

RESPOSTA À TERCEIRA. — A servidão é um impedimento para o bom uso do poder, e por isso os homens naturalmente, a fogem; mas daí não se deduz seja o poder o sumo bem do homem.

**ART.V — SE A BEATITUDE DO HOMEM CONSISTE NOS BENS DO CORPO.**

*(IV Sent., dist. XLIX, q. 1, a. 1, q.ª 1; III Cont. Gent., cap. XXXII; Compend. Theol., part. II, cap. IX; I Ethic., lect. X).*

O quinto discute-se assim. — Parece que a beatitude do homem consiste nos bens do corpo.

1. — Pois, diz a Escritura (Ecl 30, 16): *Não há riquezas maiores do que as da saúde do corpo*. Ora, a beatitude consiste no que é ótimo. Logo, consiste na saúde do corpo.

2. Demais. — Dionísio diz<sup>13</sup>, que existir é melhor que viver e viver, melhor que todos os mais bens. Ora, a existência ou a vida do homem implica necessariamente a saúde do corpo. Sendo, pois a

---

<sup>13</sup> De Div. Nom., cap. V.

beatitude o sumo bem do homem, resulta que ela implica sobretudo a saúde do corpo.

3. Demais. — Quanto mais comum for uma causa, tanto mais dependerá de um princípio mais alto, porque quanto mais elevada for a causa tanto maior extensão terá a sua agência. Ora, assim como a causalidade eficiente se considera relativamente à sua agência, assim a causalidade final relativamente ao apetite. Logo, assim como a causa eficiente primeira é a que influi em tudo, assim o fim último é o desejado de todos. Ora, a existência é o que soberanamente é desejado de todos. Logo, no que diz respeito à existência do homem, como o é a saúde do corpo, consiste por excelência a beatitude.

Mas, *em contrário*, pela beatitude o homem é excelente sobre todos os animais. Ora, pelos bens do corpo é ele superado por muitos; assim, pelo elefante, na diuturnidade da vida; pelo leão, na força; pelo veado, na velocidade. Logo, a beatitude do homem não consiste nos bens do corpo.

SOLUÇÃO. — É impossível a beatitude do homem consistir nos bens do corpo, por duas razões. — A primeira: é impossível que a conservação na existência de uma coisa ordenada para outra como para o fim seja o seu último fim. Assim, o piloto não busca, como último fim, a conservação da nau que lhe foi confiada, porque a nau é ordenada para outro fim, que é navegar. Assim, pois, como a nau é confiada ao piloto para que a dirija, assim o homem é entregue à vontade e à sua razão, segundo aquilo da Escritura (Ecl 15, 14): *Deus criou o homem desde o princípio, e o deixou na mão do seu conselho*. Ora, é manifesto que o homem, não sendo o sumo bem, se ordena para algum fim outro. Por onde, é impossível seja o fim último da razão e da vontade humana a conservação da existência humana. — A segunda é a seguinte. Dado que o fim da razão e da vontade humana fosse a conservação da humana existência, nem por isso se poderia dizer que o fim do homem fosse algum bem do corpo. Pois, o

ser do homem consiste em alma e corpo; e embora a existência do corpo dependa da alma, a existência desta, contudo, não depende daquele, como já vimos antes. E este em si, existe para a alma, como a matéria para a forma e os instrumentos para o motor, afim de por eles exercer a sua atividade. Por onde, todos os bens do corpo se ordena aos da alma, como fim. E portanto é impossível consistir a felicidade, que é fim último, nos bens do corpo.

DONDE A RESPOSTA À PRIMEIRA OBJEÇÃO. — Como o corpo se ordena para a alma, que é o seu fim, assim os bens exteriores, para o corpo. Por onde, é racional seja o bem deste preferível aos bens exteriores, que é o significado da expressão riquezas; do mesmo modo, o bem da alma é preferível a todos os bens do corpo.

RESPOSTA À SEGUNDA. — Existir, em si mesmo considerado, encerrando toda a perfeição da existência, tem preeminência sobre a vida e tudo o que dela se segue. E é esse o sentido em que fala Dionísio. Mas, considerado o existir mesmo, enquanto participado por tal ou tal ser, que não encerram a perfeição total da existência, mas a têm imperfeita, como acontece com qualquer criatura, então é manifesto que o existir ao qual se acrescenta uma perfeição é mais eminente. Por onde, no mesmo passo, Dionísio diz, que os seres vivos são melhores que os simplesmente existentes e os inteligentes, que os vivos.

RESPOSTA À TERCEIRA. — Como o fim corresponde ao princípio, a razão aduzida prova que o fim último, que encerra toda a perfeição da existência, é o princípio primeiro do existir. E a semelhança com ele os entes a buscam, cada um na medida da própria perfeição; assim, uns, só pelo existir; outros, pelo viver; outros enfim, em menor número, pelo viver, pelo inteligir e pelo ser feliz.

**ART. VI — SE A BEATITUDE DO HOMEM CONSISTE NO PRAZER.**

*(IV Sent., dist. XLIV. q. 1 a . 3, q<sup>a</sup> 4, ad 3, 4; III Cont. Gent., cap. XXVII, XXXIII; I Ethic., lect. V).*

O sexto discute-se assim. — Parece que a beatitude do homem consiste no prazer.

1. — Pois a beatitude, sendo o fim último, não é desejada por outra coisa, senão as outras por ela. Ora, tal se dá sobretudo, com o prazer; porquanto, como diz Aristóteles<sup>14</sup>, *é ridículo perguntar a alguém porque quer deleitar-se*. Logo, a beatitude consiste principalmente no prazer e nos deleites.

2. Demais. — A causa primeira produz impressão mais veemente que a segunda, como se diz no livro *Das Causas*. Ora, a influência do fim é relativa ao desejo do mesmo. Por onde, tem a natureza de fim último o que move principalmente o desejo; e tal é o prazer. E a prova é que o deleite absorve a vontade e a razão do homem a ponto de fazer desprezar os outros bens. Donde se conclui que o fim último do homem, que é a beatitude, consiste sobretudo no prazer.

3. Demais. — Como o desejo busca o bem, o que todos desejam há de ser ótimo. Ora, todos, sábios, insipientes e mesmo os irracionais, buscam o deleite. Logo, este é ótimo, e portanto no prazer consiste a beatitude, sumo bem.

Mas, em contrário, diz Boécio<sup>15</sup>: *Que são tristes as conseqüências dos prazeres, sabem-no todos os que querem lembrar-se das suas sensualidades; pois, se estas pudessem fazer os felizes, nenhuma razão haveria para que também os brutos não fossem considerados tais*.

<sup>14</sup> Ethic., X.

<sup>15</sup> De Consol., III.

SOLUÇÃO. — *Por serem as mais conhecidas de todas, as deleições corpóreas receberam o nome de prazer, como diz Aristóteles<sup>16</sup>, embora haja outros prazeres mais fortes, nos quais todavia não consiste principalmente a beatitude. Pois, uma coisa é o pertencente à essência de um ser, e outra o seu acidente próprio; assim, uma coisa é ser o homem animal racional e outra, um animal que ri. Ora, devemos considerar que toda deleitação é um acidente próprio que acompanha a beatitude, ou alguma parte dela. Pois, deleita-se quem tem algum bem a si conveniente, na realidade, em esperança ou, pelo menos, na memória. Ora, o bem conveniente perfeito é a beatitude mesma do homem; o imperfeito é uma participação próxima, remota ou, pelo menos, aparente da beatitude. Por onde, é manifesto que nem ainda a deleitação resultante do bem perfeito é a essência mesma da beatitude, mas algo que dela procede, como acidentalmente.*

Ora, do prazer corpóreo não pode, mesmo do modo já referido, resultar o bem perfeito; pois, resulta do bem apreendido pelo sentido, virtude da alma que se serve do corpo. Ora, o bem pertencente ao corpo e apreendido pelo sentido não pode ser o bem perfeito do homem. Pois, a alma racional, excedendo a capacidade da matéria corpórea, a parte da alma independente do órgão corpóreo tem uma certa infinidade em relação a esse mesmo corpo e às partes da alma a ele ligadas. Pois, o imaterial é de certo modo infinito em relação ao material, porque a forma contrai-se, por assim dizer, e limita-se pela matéria; por onde, a forma separada da matéria é de certo modo infinita. Por isso o sentido, potência corporal, conhece o singular, determinado pela matéria; o intelecto porém, potência independente da matéria, conhece o universal abstrato desta e contém em si infinitos singulares. Por onde, como é claro, o bem conveniente ao corpo que causa, por apreensão do sentido, o prazer corpóreo não é o

---

<sup>16</sup> Ethic., VII.

bem perfeito do homem, antes, é mínimo em comparação com o bem da alma. Por isso diz a Escritura (Sb 7, 9), que *todo o ouro em comparação com a sabedoria é um pouco de areia*. Assim, pois, nem o prazer corpóreo é a beatitude em si, nem é por si um acidente dela.

DONDE A RESPOSTA À PRIMEIRA OBJEÇÃO. — A mesma razão por que se deseja o bem deseja-se o prazer, que não é mais do que a quietação do apetite no bem; assim como pela mesma virtude da natureza um peso é levado para baixo e aí repousa. Por onde, assim como o bem é desejado por si mesmo, assim também o prazer o é, por si, e não por outra coisa, por significar causa final. Significando, porém, causa formal, ou antes, motivo, então é apetível por outra coisa, i. é, por causa do bem, objeto do prazer que lhe e por conseguinte o princípio e lhe dá a forma. Pois o prazer é apetecido porque é o repouso no bem desejado.

RESPOSTA À SEGUNDA. — O apetite veemente do deleite sensível resulta de serem mais perceptíveis às operações dos sentidos, princípio do nosso conhecimento. Donde vem o serem desejados de muitos os deleites sensíveis.

RESPOSTA À TERCEIRA. — Todos desejam os prazeres do mesmo modo por que desejam o bem; e contudo desejam o prazer em razão do bem, e não inversamente, como já se disse. Donde não se segue que o prazer seja o bem máximo e em si mesmo; mas que cada prazer resulta de um bem e que algum prazer resulta do bem máximo e em si.

**ART. VII. — SE A BEATITUDE DO HOMEM CONSISTE EM ALGUM BEM DA ALMA.**

O sétimo discute-se assim. — Parece que a beatitude consiste em algum bem da alma.

1. — Pois, a beatitude é um dos bens do homem. Ora, estes se dividem em três classes: os bens externos, os bens do corpo e os bens da alma. Ora, a beatitude não consiste nos bens externos, nem do corpo, como já se demonstrou. Logo, consiste nos da alma.

2. Demais. — Mais amamos alguém do que o bem que lhe desejamos; assim, mais amamos o amigo a quem desejamos o dinheiro, do que o dinheiro. Ora, todos desejam para si algum bem e, portanto amam-se a si mesmo mais que todos os outros bens. Mas a beatitude é sumamente amada pois por ela tudo o mais é amado e desejado. Logo, ela consiste em algum bem do próprio homem; e como não consiste nos bens do corpo, há de por força consistir nos da alma.

3. Demais. — A perfeição é algo do ser aperfeiçoado. Ora, a beatitude é uma perfeição do homem. Logo, é algo destes. Mas não pertence ao corpo, como já se demonstrou. Logo, pertence à alma, e assim consiste nos bens desta.

Mas, *em contrário*, como diz Agostinho<sup>17</sup>, *aquilo que constitui a vida feliz deve ser amado por si*. Ora, o homem não deve ser amado por si mesmo; antes, tudo o que nele existe deve ser amado por Deus. Logo, a beatitude não consiste em nenhum bem da alma.

SOLUÇÃO. — Como já se disse, o fim é considerado sob duplo aspecto: como a causa mesmo que desejamos alcançar, e como o uso, a obtenção ou posse dela.

Se, pois consideramos o último fim do homem quanto à coisa mesmo desejada como último fim, é impossível que este seja a alma ou algo dela.

---

<sup>17</sup> De Doctr. Christ.

Pois esta, em si considerada, é existente em potência; assim, de ciente, em potência, passa a ciente em ato; de virtuosa em potência, para virtuosa em ato. Ora, sendo o ato como o complemento da potência, é impossível o que é, em si, potencial, ter a natureza de último fim. Por onde, é impossível seja a alma em si o último fim de si mesma. — Também não o pode ser nada dela, potencial, atual ou habitual. Pois o bem, que é o último fim, é o bem perfeito que satisfaz o apetite. Ora, o apetite humano, que é a vontade, deseja o bem universal. Mas qualquer bem inerente à alma mesma é bem participado, é por consequência particularizado. Por onde, é impossível seja algum deles o último fim do homem.

Se considerarmos, porém, o último fim do homem quanto à obtenção mesma dele, à sua posse e a qualquer uso da coisa mesma desejada como fim, então ao último fim pertence algo do homem, por parte da alma, pois por esta é que o homem consegue a beatitude.

Aquilo, porém, que é desejado como fim, é o em que consiste a beatitude e faz feliz; e à consecução disto chama-se beatitude.

Por onde, devemos concluir que a beatitude é algo da alma; mas o em que ela consiste é algo de exterior à alma.

DONDE A RESPOSTA À PRIMEIRA OBJEÇÃO. — Na medida em que na divisão referida se compreendem todos os bens apetíveis pelo homem, considera-se bem da alma, não só a potência, o hábito ou ato, mas também o objeto, que é extrínseco. E deste modo nada impede considerar como um bem da alma o em que consiste a beatitude.

RESPOSTA À SEGUNDA. — No caso vertente, a beatitude é amada, sobretudo como bem desejado; ao passo que o amigo é amado como o a quem se deseja o bem; e assim também o homem se ama a si mesmo. Por onde, um e outro amor não tem o mesmo fundamento.

Se porém, pelo amor da amizade o homem ama algo acima de si mesmo, isso se há de examinar quando se tratar de caridade.

RESPOSTA À TERCEIRA. — A beatitude, em si, sendo perfeição da alma, é um certo bem a esta inerente. Mas o em que a beatitude consiste, i. é, em fazer feliz, é algo de exterior à alma, como já se disse.

**ART. VIII — SE A BEATITUDE DO HOMEM CONSISTE EM ALGUM BEM CRIADO.**

*(I. q. 12, a. 1; IV Cont. Gent., cap. LIV; Compend. Theol., part. I cap. CVIII; part. II. cap. IX; De Regim. Princip., lib. I cap. VIII; In Psalm., XXXII)*

O oitavo discute-se assim. — Parece que a beatitude do homem consiste em algum bem criado.

1. — Pois, como diz Dionísio<sup>18</sup>, a divina sabedoria une os extremos das naturezas primárias aos princípios das secundárias; donde, pode-se concluir, o que é sumo em a natureza inferior deve atingir o que, na superior, é infinito. Ora, o sumo bem do homem é a beatitude. Sendo, pois o anjo, na ordem da natureza, superior ao homem, como já vimos, resulta que a beatitude deste consiste em atingi-lo, de certo modo.

2. Demais. — O fim último de uma coisa está na sua perfeição; por isso a parte é para o fim, que é o todo. Ora, a universidade total das criaturas, chamada mundo maior, está para o homem, chamado mundo menor<sup>19</sup>, como o perfeito para o imperfeito. Logo, a beatitude do homem consiste na universidade total das criaturas.

3. Demais. — O homem torna-se feliz quando satisfaz o seu desejo natural. Ora, este não se estende a um bem maior que o que ele pode apreender. Não sendo ele pois capaz de um bem que exceda os

---

<sup>18</sup> De Div. Nom., cap. VII.

<sup>19</sup> Physic., VIII.

limites de toda criatura, resulta que pode se tornar feliz por meio de algum bem criado, no qual então consiste a sua beatitude.

Mas, em contrário, diz Agostinho<sup>20</sup>: *como a alma é a vida do corpo, assim, a vida feliz do homem é Deus*, de quem diz a Escritura: *Bem aventurado o povo que tem ao Senhor por seu Deus*.

SOLUÇÃO. — É impossível a beatitude do homem consistir em algum bem criado. Pois esta é o bem perfeito que repousa totalmente o apetite; do contrário, se algo ainda restasse a apetecer não seria ele o fim último. Ora, o objeto da vontade, que é o apetite humano, é o bem universal, como o do intelecto é a verdade universal. Donde resulta claro, que nada pode satisfazer a vontade do homem senão o bem universal. Ora, disto não é capaz nenhum bem criado, mas só Deus, porque toda criatura tem a bondade participada. Por onde, só Deus pode satisfazer a vontade do homem, conforme a Escritura (Sl 102, 5): *O que enche de bens o teu desejo*. Logo, só em Deus consiste a beatitude dele.

DONDE A RESPOSTA À PRIMEIRA OBJEÇÃO. — O que é superior no homem atingir, por certo, o que é infinito na criatura Angélica, por certa semelhança; mas nem por isso aí repousa como no fim último, mas prossegue até a fonte universal mesma do bem, objeto universal da beatitude de todos os felizes, pois é o bem infinito e perfeito.

RESPOSTA À SEGUNDA. — Se um todo não é o último fim, mas se ordena a outro fim ulterior, então o último fim da parte não é o todo mesmo, mas algum outro. Ora, a universalidade das criaturas, para a qual o homem está como a parte para o todo, não é o último fim, mas se ordena para Deus, que o é. Por onde, o bem do universo não é o último fim do homem, mas Deus mesmo.

---

<sup>20</sup> De Civ. Dei, XIX.

RESPOSTA À TERCEIRA. — O bem criado não é inferior ao que é o bem, intrínseco e inerente à capacidade do homem; porém o é ao bem infinito objeto dessa capacidade. Ora, o bem participado pelo anjo e por todo o universo é um bem infinito e limitado.